

A AFETIVIDADE NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DE PIAGET, VYGOTSKY E WALLON

Andréa Kochhann*

Vanessa Amélia da Silva Rocha**

Resumo: Este artigo nasceu da necessidade de discutir o papel da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, envolvendo a tríade professor, aluno e conteúdo. Para tanto, discutimos a afetividade, a partir da literatura, na perspectiva de Jean Piaget, Lev S. Vygotsky e Henri Wallon. Considerando o afetivo e o cognitivo na formação do aluno como um todo, trabalhando assim a educação afetiva, procurando motivações educacionais e sucesso no processo ensino-aprendizagem. Nesse viés, apresentaremos a teoria dos autores citados, aprofundando na questão do processo de afetividade para a aprendizagem. A discussão compõe o GEFOPI – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade.

Palavras-Chave: Afetividade. Professor-Aluno. Ensino-Aprendizagem.

Abstract: This article was born of the need to discuss the role of affectivity in the process of teaching and learning, involving the triad teacher, student and content. Therefore, we discuss the affection, from the literature, from the perspective of Jean Piaget, Lev S. Vygotsky and Henri Wallon. Considering the affective and cognitive in the formation of the student as a whole, so working affective education, looking for educational motivation and success in teaching-learning process. In this bias, we present the theory of these authors, deepening the question of affectivity process for learning. The discussion makes up the GEFOPI – Study Group on Teacher Education and Interdisciplinary.

Keywords: Affection. Teacher-Student. Teaching-Learning.

Introdução

Em pleno século XXI as escolas ainda rejeitam e oprimem as emoções levando em consideração apenas o cognitivo dos seus alunos, mas quando eles entram na escola não deixam do lado de fora sentimentos como a alegria, o medo, a raiva, a tristeza, dentre outras emoções. Maturana (2001, p. 46) afirma que “[...] nada ocorre nos animais que não esteja fundado numa emoção”, sendo assim, o afetivo e cognitivo são indissociáveis.

* Pedagoga. Mestre em Educação. Professora efetiva em regime de dedicação exclusiva da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus São Luis de Montes Belos. Pesquisadora e Extensionista. Coordenadora do GEFOPI – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade. E-mail: andreakochhann@yahoo.com.br

** Acadêmica do 2º ano de Matemática da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Câmpus Jussara.

Assim, deve-se trabalhar para minimizar os aspectos negativos e destruir as verdades incontestáveis sobre ensino-aprendizagem através do laço afetivo estabelecido entre professor e aluno. Neste sentido, Nunes (2009, p. 131) diz que não há “[...] necessidade de se agir como psicoterapeutas, e sim como pessoas atentas, e que levam em consideração não só o desenvolvimento intelectual de seus alunos”, é importante observar as expressões faciais, os gestos e, acima de tudo, se colocar no lugar deles, tentando entendê-los, identificando o que os motiva.

Também, para que o aluno aprenda se faz necessário que ele tenha esse motivo ou desejo de aprender. Logo, é preciso conhecê-lo, fazer com que ele interaja e expresse suas ideias sem medo da opressão. Ele precisa perceber o interesse do professor por ele, sendo o alvo de amor, diálogo e compreensão, que despertará, assim, seu desejo pelo novo.

[...] as emoções não são apenas aqueles surtos espasmódicos de sentimento que surgem em resposta a estímulos externos. Elas são os alicerces sobre os quais repousa grande parte de nossa vida social e cultural, se não toda ela. É esta percepção que dispersa a ideia de que, em uma utopia futura, poderemos evoluir a um estágio em que não sentiremos emoção – de que, se chegarmos a alcançar este estágio, teremos deixado completamente a condição humana (WALTON, 2007, p. 20).

Chacón (2003) aponta que o professor deve se transformar em “alfabetizador emocional”, ajudando os alunos a perceber suas emoções e a adquirir o domínio afetivo sobre as emoções negativas.

[...] a afetividade pode ser conceituada como todo o domínio das emoções, dos sentimentos das emoções, das experiências sensíveis e, principalmente, da capacidade de entrar em contato com sensações, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas. (BERCHT, 2001, p. 59).

Os afetos, as emoções e os sentimentos são a base para nosso comportamento e é a partir deles que pensamos e tomamos decisões em nossas vidas, então, quiçá devesse considerar o aluno com um ser em sua totalidade e não como fragmentos. É partir do amor e do ódio que se constitui a vida afetiva, sendo as emoções e os sentimentos formas como se expressão os afetos, sendo as emoções mais intensas e passageiras, já os sentimentos são menos impulsivos e mais duradouros.

A Afetividade e a Aprendizagem na Visão de Piaget

Segundo Piaget o desenvolvimento humano se divide em quatro períodos: sensório-motor (zero a dois anos), pré-operatório (dois a sete anos), operações concretas (sete a onze ou doze anos) e operações formais (onze ou doze anos de idade, em diante). E, possuem dois componentes indissociáveis: o afetivo e o cognitivo.

O ser humano nasce com reflexos inatos como sugar e olhar, porém, sem a capacidade de integrar informações de diferentes sentidos, ainda nos primeiros meses de vida o bebê começa a ter consciência dos eventos que o cercam, a conceituar os objetos e a conhecer o mundo através primeiramente da boca. Para Piaget (1975), nessa fase de desenvolvimento, existe muito mais troca afetiva e contágios para a criança do que efetivamente diferenciação das pessoas e coisas, o que torna ainda mais importante as interações.

No período sensório-motor os sentimentos são instintivos ligados às necessidades biológicas de conforto e desconforto e sentimentos de êxito e fracasso, e também perceptivos, ou seja, são os primeiros sentimentos que atribuímos às coisas e as pessoas. Todas as emoções e sentimentos do bebê nascem do amor mãe e são centrados no corpo da criança, de acordo com que ele dissocia seu corpo do corpo dos outros a vida afetiva do bebê vai se centrando as outras pessoas como pai e irmãos. Nesse período é predominante o egocentrismo, as crianças acreditam que o mundo gira em torno delas. Por volta dos dois anos a criança desenvolve os afetos intencionais, passando a fazer imitações e desenvolvendo a linguagem e a memória representacional.

A primeira infância, dos dois aos sete anos, a criança começa a formar classes e séries intuitivas e inacabadas, pois a acomodação está separada da assimilação, consegue formar e falar frases, aprende a ler e a escrever, ou seja, desenvolve a linguagem, aprende a contar histórias, a imaginar e dar vida a seres inanimados ou irreais e a formar imagens mentais, nesse período também se faz presente o pensamento egocêntrico. Os sentimentos podem ser recordados e representados, o raciocínio é semiológico e a criança ao participar de um jogo coletivo, cria suas próprias regras individuais. Os afetos são intuitivos e normativos com a presença de sentimentos de simpatia e antipatia.

A segunda infância, dos sete aos onze ou doze anos, nesse período a criança consegue dissociar o eu do outro e o amor primitivo (mãe) dos amores sucessivos, tem-se a superação do egocentrismo e o crescimento do pensamento lógico, pois é nessa idade que a criança inicia na escola. A formação dos sentimentos está ligada aos valores morais e a razão

estrutura a realidade, os afetos tornam-se estáveis. Nesse período as regras dos jogos são tidas como sagradas e devem ser seguidas por todos os participantes.

A afetividade, a princípio centrada nos complexos familiares, amplia sua escala à proporção da multiplicação das relações sociais, e os sentimentos morais [...] evoluem no sentido de um respeito mútuo e de sua reciprocidade, cujos efeitos de descentração em nossa sociedade são mais profundos e duráveis (PIAGET; INHELDER, 1990, p. 109).

De onze ou doze em diante tem-se os pensamentos formados, o adolescente consegue raciocinar de forma lógica e não apenas intuitiva, passam a se espelhar nas pessoas, se preocupam com os valores morais, com o bem estar físico, começam a questionar, a serem críticos em seu pensar, tendem a se isolar, a ter conflitos pessoais e com a família, há o desenvolvimento dos sentimentos idealistas, busca e planeja algo para o seu futuro. Os afetos se ligam não mais às pessoas e, sim, às ideias. Segundo Santos e Rubio (2012, p. 10),

de modo geral, a evolução da afetividade vai do que Jean Piaget denomina de sentimentos instintivos, correspondentes às montagens hereditárias (reflexos), aos sentimentos interindividuais (simpatias e antipatias), e, posteriormente, aos sentimentos seminormativos (correspondentes às construções representacionais), para chegar aos sentimentos normativos, pertencentes a uma escala de valores e a um sistema mais amplo, correspondente ao sistema operatório, no que se refere à inteligência.

Segundo Piaget (1975) o desenvolvimento afetivo ocorre paralelamente ao desenvolvimento moral, e a moral independe dos interesses pessoais do indivíduo, por exemplo, se uma pessoa faz uma ação que a sociedade julga correta visando os próprios interesses, ou deixa de fazê-la por medo de possíveis punições, essa ação não é considerada moral. Complementa ainda que Souza (2003) no que diz respeito à afetividade, ela não se restringe apenas às emoções e aos sentimentos, mas engloba as tendências e a vontade.

A afetividade é comumente interpretada como uma “energia”, como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a Razão esta a seu serviço. (LA TAILLE *et al.*, 1992, p. 65).

Por fim, Piaget (2004, p. 34) que “nunca há ação puramente intelectual, assim como também não há atos que sejam puramente afetivos”. Nessa perspectiva o autor acredita que afetividade e cognição sejam indissociáveis, e que o homem age ao ser motivado, de acordo com a sua moral, podendo ter influências do meio em que vive, e que a aprendizagem se dá a partir de um processo de acomodação e assimilação e que a afetividade é a energética que impulsiona as ações tendo como suporte a razão.

A Afetividade e a Aprendizagem na Visão de Vygotsky

A teoria de Vygotsky é uma teoria sócio-histórico-cultural do desenvolvimento das funções mentais superiores, ainda que ela seja mais conhecida com o nome de teoria histórico-cultural. Isso significa que “A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem”, conforme Oliveira (*apud* LA TAILLE *et al.*, 1992, p. 24).

O ambiente no qual o indivíduo está inserido tem influências diretas no seu desenvolvimento, sendo assim, ele é constituído de aspecto biológico e ambiental. Na perspectiva vygotskyana os fatores ambientais são construídos a partir da relação do indivíduo com o meio social e é denominado como internalização que é a relação do ser com o mundo através de mediação dos instrumentos (ferramentas físicas) e os signos (ferramentas psicológicas).

A linguagem se destaca nesse contexto, pois “desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, que diferente das elementares (trazidas ao nascer), resultam da atividade mediada. Cabe ressaltar que não há o abandono das funções elementares”, como apresenta Paludo *et al.* (2012, p. 3).

Vygotsky, também, desenvolveu dois conceitos a respeito do desenvolvimento, “a zona de desenvolvimento real é a que Vygotsky denomina de que é o desenvolvimento mental já adquirido pela criança, ou seja, um processo natural. E o desenvolvimento próximo é o que a criança não consegue fazer sozinha ainda, necessitando de um mediador”, conforme Oliveira (*apud* LA TAILLE *et al.*, 1992, p. 143). É nesse sentido que a comunicação entre os indivíduos desempenha um papel de suma importância, pois é principalmente através dela que a mediação acontecerá.

Compreende-se que a formação da psique acontece no processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como a atenção, consciência, imaginação, memória, percepção, raciocínio, capacidade de abstração, para citar algumas. Não se pode deixar de mencionar nesse processo as emoções. As emoções, de início instintivas, primitivas, transitam para as emoções superiores, caracterizando, dessa forma, um processo desenvolvimentista. Observa-se que, por contar com um funcionamento psicológico essencialmente mediado pelas interações sociais, possibilita ao sujeito a internalização de conceitos culturalmente construídos e, no decorrer do processo, o afastamento das emoções instintivas para tornarem-se sociais e históricas (superiores). Existe uma relação entre as emoções e as outras funções psicológicas superiores, que permite a transformação das mesmas, a modificação de sua expressão. Esse cenário permite entender que as emoções não tem nada a ver com algo exclusivamente inato. (PALUDO *et al.*, 2012, p. 4).

Vygotsky (2010, p. 139) ressalta que “as emoções são esse organizador interno das nossas reações, que retesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações. Desse modo, a emoção mantém seu papel de organizador interno do nosso comportamento”. As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordam melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm “demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente” como assevera Vygotsky (2003, p. 121).

Desse modo, cabe ao professor desenvolver maneiras de estimular seu aluno de forma afetiva, pois assim os conteúdos serão facilmente lembrados por estarem carregados de emoções, evitando bloqueios afetivos e cognitivos. O professor não deve apenas ser a ponte entre o aluno e os conhecimentos. É preciso fazer com que o aluno sinta-o e o represente, para que venha a ter sentido e ele se sinta motivado a aprender, estabelecendo uma relação cooperativa, pois segundo a teoria vygotskyana o que a criança desenvolve hoje com o auxílio de um adulto, ela conseguirá desenvolver posteriormente sozinha, auxiliando também no seu processo de socialização, pois é através dele que a mediação acontece, é importante discutir as ideias para que o aluno desenvolva seu próprio pensamento. Como Vygotsky (1993) aponta, cognitivo e afetivo sofrem influências mútuas, pois

[...] quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como

transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento, em uma sombra desnecessária e impotente. (VYGOTSKY, 1993, p. 25).

Para se compreender o ser humano é preciso compreender a sua base afetivo-volitiva, de acordo com que o ser se desenvolve ele passa a ter capacidade emocional mais sofisticada, desde o seu nascimento até a sua morte o ser humano aprende a sentir e a ser afetivo.

A Afetividade e a Aprendizagem na Visão de Wallon

A teoria walloniana, também, é de suma importância na discussão sobre a afetividade no ensino-aprendizagem. Wallon (2003) divide o desenvolvimento humano em cinco etapas: impulsivo-emocional; sensório-motor e projetivo; personalismo; categorial; puberdade e adolescência. O autor coloca a afetividade como um dos aspectos centrais do desenvolvimento humano, defendendo que a vida psíquica é formada por três dimensões – motora, afetiva e cognitiva que se influenciam mutuamente.

Segundo Wallon (2003) o desenvolvimento do indivíduo acontece a partir das primeiras interações com o meio humano através das emoções que são tidas como descargas de energia e aos poucos, dá lugar aos sentimentos e depois às atividades intelectuais. No início da vida distinguem-se os estados de conforto e desconforto e surgem as emoções básicas a partir dos primeiros reflexos, é a dimensão motora que dá possibilidades para que se estabeleça relações afetivas, os bebês buscam satisfazer suas necessidades.

O desenvolvimento da criança depende das condições de maturação e do meio em que está inserida, ela concilia as percepções e os movimentos resultam no ato reflexo. A criança se torna capaz de realizar atividades sensório-motoras, coordenando ao mesmo tempo o campo sensorial e motor, é através das emoções que se tem acesso ao mundo adulto, sendo assim, a afetividade se desenvolve antes da inteligência. Para Wallon (1989, p. 131),

o que permite à inteligência essa transferência do plano motor para o plano especulativo não é evidentemente explicável no desenvolvimento do indivíduo [...] mas nele pode ser identificada [a transferência] [...] são as aptidões da espécie que estão em jogo, em especial as que fazem do homem um ser essencialmente social.

A evolução depende das capacidades biológicas e da interação com o meio social que é importante para o desenvolvimento humano, para o desenvolvimento afetivo, através dos sentimentos, das emoções e dos desejos. O desenvolvimento se dá através da integração de

novas funções e aquisições a partir de uma nova organização em que as dimensões motora, afetiva e cognitiva se integram e alternam. A afetividade evolui de acordo com as condições maturacionais do indivíduo e não são imutáveis ao longo da vida de cada um.

Na teoria walloniana o ato motor é à base do pensamento e a emoção também é fonte de conhecimento. Dessa forma, para Wallon (2003) a falta de vínculos positivos do aprendente com o objeto de estudo cria barreiras para o desenvolvimento da inteligência, gerando baixa autoestima, além de passividade e acomodação diante da aprendizagem, sendo assim, faz-se necessário considerar o aluno em todas as suas dimensões motora, afetiva e cognitiva.

Considerações Finais

A partir da literatura das teorias piagetiana, vygotskyana e walloniana pode-se considerar o afetivo como fator indispensável na formação do aluno como um todo e não como ser fragmentado que apenas pensa, mas também que sente e age conforme seus afetos, suas emoções e seus sentimentos. O professor como mediador entre o ensino e o aluno deve trabalhar a educação afetiva, pois quando isto é inexistente podem ser construídas barreiras, surgindo problemas em relação à aprendizagem, e os objetivos de ensino-aprendizagem não serem alcançados com tanto êxito.

A afetividade no processo educativo é importante para que a criança manipule a realidade e estimule a função simbólica. Afetividade está ligada à auto-estima e às formas de relacionamento entre aluno e aluno e professor e aluno. Um professor que não seja afetivo com seus alunos fabricará uma distância perigosa, criará bloqueios com os alunos e deixará de estar criando um ambiente rico em afetividade (COSTA; SOUZA, 2006, p. 12).

Quando a criança se encontra em um local afetivo, em que se identifica como pertencente a ele e tenha a liberdade de se expor, ela se sentirá mais segura e confiante. Desta forma, o ensino poderá fluir de forma natural, pois o aluno conseguirá expor suas dificuldades e o professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem conseguirá auxiliá-lo, reconhecendo seus possíveis erros, por meio do diálogo. A vida afetiva da criança começa desde o seu nascimento e terá reflexos na vida adulta, não podemos desconsiderar, também, que o aluno sofre influência do meio social em que vive.

Rossini (2004, p. 16) alega que “a falta de afetividade leva a rejeição aos livros, à carência de motivação para aprendizagem, a ausência de vontade de crescer. [...] aprender

deve estar ligado ao ato afetivo, deve ser gostoso, prazeroso”. O ensino deve acontecer de forma contextualizada, a relação professor aluno gera uma relação de simpatia ou antipática com o próprio professor e com o conteúdo que ele ministra, cabe ao professor desenvolver as relações de afeto.

Referências

ARANTES, V. A. **Afetividade na Escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Atlas, 2003.

BERCHT, Magda. **Em Direção a Agentes Pedagógicos com Dimensões Afetivas**. Instituto de Informática. UFRGS. Tese de doutorado. Porto Alegre, dez 2001.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

CHACÓN, Inês Maria Gomes. **Matemática Emocional**: os afetos na aprendizagem matemática. Porto Alegre: Artmed, 2003.

COSTA, Keyla Soares da; SOUZA, Keila Melo de. **O Aspecto Sócio-Afetivo no Processo Ensino-Aprendizagem na Visão de Piaget, Vygotsky e Wallon**. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/art_o_aspecto_socioafetivo.asp?f_id_artigo=549>. Acesso em: 10 maio 2015.

FARIA, Anália R. de. **O Desenvolvimento da Criança e do Adolescente Segundo Piaget**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

GALVÃO, I. **Henry Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. (Coleção Educação e Conhecimento).

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta K. de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: Teorias Psicogenéticas em Discussão. 21. ed. São Paulo: Summus, 1992.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

LIMA, L. O. **Piaget para Principiantes**. São Paulo: Summus, 1980.

MATURANA, H. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

NUNES, Vera. **O Papel das Emoções na Educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

OLIVEIRA, Marta K. de. O Problema da Afetividade em Vygotsky. In: LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky e Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

PALUDO, Karina I.; STOLTZ, Tânia; LOSS, Helga. **A Constituição do ser na Perspectiva Vygotskyana**: um olhar para o sujeito com altas habilidades/superdotação, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1270/653>>. Acesso em: 10 maio 2015.

PIAGET, J. **A Construção do Real na Criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **Seis Estudos de Psicologia**. 24. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____; INHELDER, B. **A Psicologia da Criança**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SANTOS, Fabiane; RUBIO, Juliana de A. S. Afetividade: abordagem no desenvolvimento da aprendizagem no ensino fundamental: uma contribuição teórica. **Saberes da Educação**, v. 3, n. 1, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

_____. **Psicologia Pedagógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WALLON, H. **As Origens do Pensamento na Criança**. São Paulo: Manole, 1989.

_____. Ciclo da Aprendizagem. **Revista Escola**. Fundação Victor Civita. São Paulo, ed. 160, 2003.

WALTON, S. **Uma História das Emoções**. Rio de Janeiro: Record, s/d.